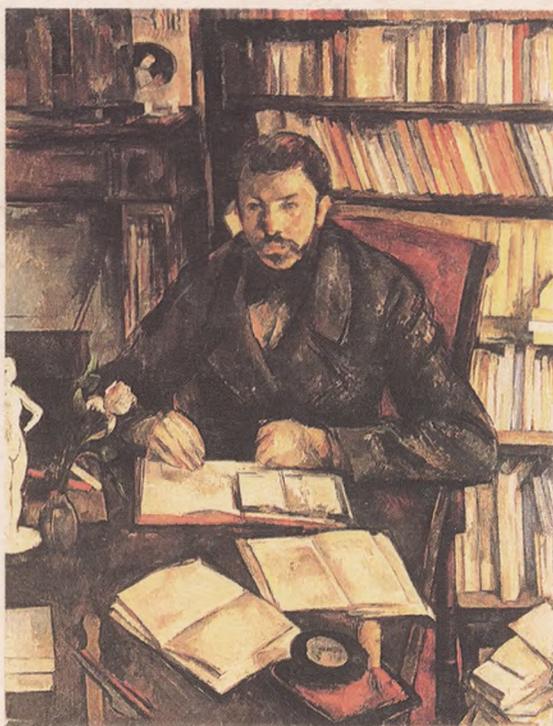


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



HISTÓRIA E LITERATURA

VOLUME 21, 2000

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

RAZÃO E SENTIMENTO NA EVOLUÇÃO ESPIRITUAL DE RAMALHO ORTIGÃO

*Para a Ana Leonor Pereira, com o afecto do antigo professor
e a admiração do actual colega.*

Quem não conhece o Porto? O Porto é uma cidade-gavião de asas de pedra escura, talhada em fachadas austeras e nidificada no cocuruto de arribas agrestes que descem quase a pique até ao Douro. Se as angulações das penedias pudessem narrar memórias do passado, contariam elas que D. Pedro IV, o Libertador, lhes esquadrinhou cada desvão, lhes sondou cada exíguo parapeito, com o fim de resistir ao implacável cerco e aos ataques do seu irmão Miguel, rei absoluto desde 1828. A mesma urbe que assistiu às agonias dos sitiados e aos ulteriores festejos do triunfo liberal, consumado pela Convenção de Évora-Monte, em Maio de 1834, assistiria cerca de dois anos e meio mais tarde, em 24 de Novembro de 1836, ao nascimento de um menino. O pai dessa criança conhecera as agruras da cidade a que D. Pedro, reconhecido, doara o coração; batera-se galhardamente pela causa constitucional, tornada sua pelo imperativo das crenças e talvez pela obrigação de proteger a família. Tratava-se do tenente de artilharia das forças liberais Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, algarvio de Loulé. A mãe do recém-nascido, tripeira da freguesia de Paranhos, fora baptizada com o nome de Antonia Alves Duarte Silva e pertencia a uma família burguesa

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

provida de alguns cabedais móveis e fundiáriosO). O menino nasceu pelas dez horas da noite, sob a luz difusa de uma lua cheia propícia a oráculos atinentes ao ano bissexto em curso. Era o terceiro filho varão de uma prole que cresceria até à dezena e foi-lhe dado o nome de José Duarte Ramalho Ortigão. O pequeno viveu os sete primeiros anos da puerícia na casa de lavoura da avó materna. Administrava ela, por força da sua viuvez, uma quintazinha em Germalde, com o apoio de duas filhas solteiras e do velho criado Manuel Caetano. O tecto de Germalde abrigava também a venerável figura de Frei José do Sacramento Lapa, tio-avô de José Duarte pelo lado materno⁽²⁾. O frade, padrinho do pequeno, traduzia a sua ternura pelo afillhado passando a escrito uma croniqueta minuciosa, consignadora dos primeiros eventos que lhe respeitavam. Assim, é do bento caderninho de Frei José Lapa que provém a asseveração da hora exacta do nascimento e do plenilúnio que iluminou, por então, o burgo portuense. As mulheres da casa, tal como virão a ser recordadas por José Duarte, eram piedosas, caritativas, fidelíssimas aos preceitos do catolicismo e completamente indiferentes à cultura livresca⁽³⁾. Frei José do Sacramento, que outrora fora capelão de D. Pedro IV, dava-se à meditação sobre as coisas sagradas e, como se referiu, matava os ócios com escrevinhações circunstanciais. Quando apanhava a jeito uma tábua mais desprevenida, não se coibia de imitar S. José, carpinteirando-a com denodo e perícia. Cuidava humildemente do seu quarto, mantendo-o com a rigidez de arrumo e com o imaculado asseio de uma cela monástica. Por seu turno, o criado Manuel Caetano, militar veterano das Guerras Peninsulares, deslumbrava o pequeno José Duarte, no interregno das lides campesinas, com a narração avulsa de episódios bélicos, evocando o tempo em que sustivera, no Buçaco, as arremetidas dos franceses invasores. O estilo de existência no avoengo lar de Germalde decorreu neste sereno aconchego, nesta brandura tépida,

(1) Cf. Bernardo Lucas, "Os progenitores e a casa natal de Ramalho Ortigão", *O Comercio do Porto*, 24 Nov. 1936, Ano LXXXII, n° 310, p. 1, cols. 6-7 e p. 2, cols. 1 e 2.

(2) Cf. Ramalho Ortigão, "Autobiografia", *Costumes e Perfis*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944, pp. 137-138.

(3) Cf. Ramalho Ortigão, "Página de família", *Folhas Soltas. 1865-1915*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1956, pp. 293-294.

ingénua, quase idílica. As retrospecções biográficas de Ramalho assinalarão sempre a poderosa influência da meninice despreocupada, acarinhada e feliz na sua definitiva modelação caracterial. Tudo lhe inspirava, como expressamente confessará, "sentimentos práticos e honestos", infundindo-lhe "o respeito da Tradição" e "o amor à terra da pátria pela dedicação às quatro braças de solo cobertas por esse velho tecto"(4). As futuras imprecações de Ramalho contra a intromissão das mulheres nos planos cívico e literário fluem em linha directa dos paradigmas femininos hauridos em Germalde. E como confessou ter amado enternecidamente os dois homens que habitaram aquele espaço doméstico, não é de estranhar que na sua *Autobiografia*, redigida na idade madura, declare taxativamente o seguinte: "Fiquei para todo o sempre - intimamente o reconheço - um tanto frade, um tanto soldado. Ficaram-me de pequeno indestrutíveis gostos de ordem, de disciplina, de solidão"(5).

A abordagem de uma vida tão rica como a de Ramalho exige que neste momento relembremos que o nosso intuito não é reconstituí-la miudamente, tim-tim por tim-tim. Ocupar-nos-emos fundamentalmente da trajectória do seu pensamento político-social, procurando discernir, neste âmbito, a correlação dos condicionamentos afectivos e racionais que diacronicamente a foram singularizando. Prossigamos, portanto, depois de deixarmos clarificada esta prevenção.

José Duarte contraiu no limiar da adolescência uma febre escarlatina. Dona Antonia, sua mãe, procurou amenizar-lhe a convalescença, dando-lhe a 1er as *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett. O efeito desta leitura ultrapassou em muito a trivialidade intencional do cuidado materno, destinado apenas, segundo todas as probabilidades, a distrair o tédio de um filho acamado. Tamanho foi o deslumbramento provocado no doente pela obra de Garrett que o futuro artístico da sua vida, como é confessado pelo próprio, ficou fixado em definitivo a partir desse momento(6). Quão bem se compreende a

(4) Ramalho Ortigão, "A crítica de uma Senhora às teorias das 'Farpas' sobre a educação das mulheres", *As Farpas*, Tomo VIII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944, p. 242.

(5) Ramalho Ortigão, "Autobiografia", *cit.*, p. 139.

(6) "[...] Não lhe falo como escritor, não lhe direi que o primeiro artigo que escrevi o escrevi no dia em que morreu Garrett, para agradecer à sua memória

ressonância do bucolismo da obra em causa na rendida admiração do jovem enfermo! Foi como se a pátria cristalizasse o seu poder atractivo nessa ideal peregrinação pelas doces paisagens do Vale de Santarém. Foi como se os olhos de Joaninha, a romântica heroína do entrecho, potenciassem o culto valorativo que o infantil José Duarte acalentara na semi-consciência do arvoredo de Germalde, quando esfolava os joelhos na cupidez de ir aos ninhos. A primeira efusão patriótica, mal esboçada no letargo da pouca idade, confundia-se com a piedade da avó, com a mantilha que as tias devotas punham sobre os ombros, quando iam à missa, com a doce sisudez do padrinho teólogo e carpinteiro, com a mochila caserneira de Manuel Caetano. A leitura adolescente da obra de Garrett impeliu-o para um estádio mais reflectido e mais maduro de empatia telúrica, oferecendo-lhe o primeiro patamar de equilíbrio entre a racionalidade e a emoção, ambas rendidas ao valor da terra nativa, reivindicada por Garrett como sua, pelos decretos convergentes do coração e da mente. Reconheceu então que, "bom ou mau", ele "tinha de ser fatalmente um escritor"(7).

Acabado de sair da puberdade, José Duarte Ramalho Ortigão integrou-se no código de sociabilidade da rapaziada portuense do seu tempo. O Porto dos seus vinte anos combinava o pragmatismo dos negócios burgueses com a idealidade romântica da juventude. A mocidade encadernava a irreverência belicosa, sempre pronta a manifestar-se explosivamente, no dandismo exibicionista de trajas apurados, quando não mesmo excêntricos. Campeava a regra sibarita e sumptuária ditada pelas galantarias de Ricardo e Manuel Brown, de Eduardo Chamiço, Paiva de Araújo, João Negrão e José Passos. Todos haviam interiorizado uma gramática de paixões que sacralizava a beleza feminina e impelia ao lirismo. As concorrências afectivas descambavam frequentemente em confrontos físicos violentos. E cada jovem namorado trazia na boca um poema, no bolso um revólver e sob a capa um cacete. Ficaram famosas as provocações verbais dirigidas por Camilo Castelo Branco a pacíficos comerciantes, os tumultos

a impressão que na convalescença de uma febre escarlatina me deixou a leitura das *Viagens na minha terra*, gerando a psicose da minha puberdade e decidindo do destino artístico de toda a minha vida" (Carta de Ramalho Ortigão a Alberto de Oliveira, de 5 de Junho de 1894, in Câmara Reys, *As questões morais e sociais na literatura. III - Ramalho Ortigão*, Lisboa, Seara Nova, 1941).

(7) Ramalho Ortigão, "Autobiografia", *cit.*, p. 141.

resolvidos com o último argumento da sua moca de homéricas dimensões e as mil paixonetas, consagradas, indistintamente, a donzelas casadoiras ou a senhoras bem ou mal casadas⁽⁸⁾. José Duarte submeteu-se de bom grado à enxurrada mundana. Empertigou o porte, cuidou de todas as minudências da indumentária, comprou uma inenarrável coleção de luvas mais coloridas do que as cores do arco-íris e passou a frequentar os lugares da moda⁽⁹⁾. Tinha lugar cativo no botequim do Guichard, à Praça Nova, satisfazia as curiosidades literárias na livraria Moré e raramente perderia os espectáculos de estreia do teatro de S. João ou do Baquet. Os melhores jornalistas do *Braz Tisana* ou do *Nacional* - Arnaldo Gama, Evaristo Basto, António Coelho Lousada, Ricardo Guimarães, António Girão, etc. - aceitaram-no como compincha de conversa e de confiança. Janota e sonhador, também ele aspirava aos incensos da fama, querendo ser lido, suspirosamente, por mulheres belas. Viria a estrear-se no *jornal do Porto*, dirigido por Cruz Coutinho, exarando no número de 26 de Março de 1859 o folhetim "O amor de Petrarca" e passando a redigir anonimamente a secção destinada às notícias sociais e à crítica literária⁽¹⁰⁾. Mas como as aborridas trivialidades da subsistência obrigassem ao ganho da vida, ensinava cumulativamente a língua de Pascal, com bocejos de permeio, a pequenotes matriculados no Colégio da Lapa,

(8) Ramalho Ortigão rememora a mentalidade e o modo de estar da romântica juventude portuense do seu tempo e de um período imediatamente anterior em vários textos, mas especialmente no prefácio da edição monumental do *Amor de Perdição*, publicada em 1889. Cf. Ramalho Ortigão, "Camilo Castelo Branco", *Figuras e Questões Literárias*, Tomo I, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1945, pp. 231-282.

(9) Em epístola dirigida por Ramalho Ortigão ao *Diário Ilustrado*, em Outubro de 1874, o nosso escritor não se furta a justificar o cuidado que sempre dispensou ao seu vestuário: "[...] os homens de fantasia e de gosto não puderam em nenhum tempo abster-se da preocupação do vestuário. O vestuário é a expressão gráfica, pessoal, de uma filosofia pouco estudada" (*As Farpas*, Tomo II, Lisboa, Livraria Clássica Editora, [1964], p. 211). Também Ricardo Jorge evocou assim esta faceta mundana: "Quantas vezes o mirei a sair do portal da Lapa, inflexo no seu jaquetão de ratina, todo enluvado e aperaltado, como era moda, cara alta e altiva, batendo no lajeado a biqueira quadrada" ("Um perfil de Ramalho Ortigão brilhantemente traçado pelo eminente professor Dr. Ricardo Jorge", *O Primeiro de Janeiro*, 24 Nov. 1936, 68º ano, nº 310, p. 1, col. 6).

(10) Cf. Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Tomo III, Lisboa, Livraria Clássica Editora, [1953], pp. 55- 60.

dirigido por seu pai. Não imaginaria, seguramente, que no beócio grupo de discípulos se incluíam duas futuras celebridades, apologetas, no amanhã, da sua inteireza moral e da sua criatividade estética: Eça de Queirós e Ricardo Jorge⁽¹⁾.

Pelos finais de 1865 rebentou, rija e fera, a "Questão Coimbrã". A memorável pendência, materializada num aluvião de folhetos em contradita mútua, teve como causa remota a ousadia de forma e conteúdo das primeiras produções poéticas dadas aos prelos por dois estudantes da *alma mater* conimbricense, Antero de Quental e Teófilo Braga, ambos nascidos na ilha açoriana de S. Miguel. Antero escrevera com ímpetos de iracundo revolucionário as *Odes Modernas*; Teófilo poetara mais serenamente na *Visão dos Tempos* e nas *Tempestades Sonoras*, mas infundira-lhes um clangor filosófico inusitado. Embora com substâncias diferentes, estas obras derrubavam o muro temático e ideológico dos vates românticos mais conhecidos na praça das letras. Teófilo substituirá a proverbial temática romântica, - enroscada num sentimentalismo postiço, caduco e convencional, alienada a simulações psicológicas refalsadas -, pela epopeia da diacronia histórica. Este trans-subjectivismo temático, de medula filosófica, irrompeu a partir das leituras de Vico, Taine, Comte, Schlegel, Herder e tantos mais; no plano mais caracterizadamente literário, a legitimação do objecto derivava-se de André Chenier e de Alfred de Vigny, de Schiller, de Goethe e sobretudo da *Légende des Siècles*, de Victor Hugo⁽²⁾. Por seu turno, a poesia de Antero saldava-se por manifestos de radicalidade social e política, aos quais o hegelianismo emprestava suporte metódico, Michelet e Quinet conferiam convicção profetizante, Proudhon e Feuerbach impregnavam *vis* contestatária e Renan e Buchner fecundavam com hipóstases agnóstico-materialistas. Deste conglomerado teórico nascia um fundo de inconformação social programaticamente expresso na "Nota" com que as *Odes* rematavam. O objectivo de Antero, expressamente declarado, consistia em fazer da sua poesia a "voz da Revolução", colocando-a ao serviço da "reconstrução do mundo humano sobre as bases eternas da Justiça, da

(1) Sobre a bocejante pedagogia de Ramalho no Colégio da Lapa, leiam-se as soberbas páginas de Ricardo Jorge, *Ramalho Ortigão*, Lisboa, 1915, pp. 4-10.

(2) Cf. Amadeu Carvalho Homem, *A ideia republicana em Portugal. O contributo de Teófilo Braga*, Coimbra, Livraria Minerva, 1989, pp. 25-30.

Razão e da Verdade, com exclusão dos Reis e dos Governos tirânicos, dos Deuses e das Religiões inúteis e ilusórias⁽¹³⁾. Tal orientação colidiria, em primeira linha, com os visos do patriarca António Feliciano de Castilho, patrão instalado do criticismo literário do tempo. Escritor e poeta de recorte neo-clássico, purista no estilo, radicalmente ignorante dos mais recentes desenvolvimentos da disciplina filosófica, tradutor de velhos poetas gregos e latinos, Castilho mais não era do que o expoente literário, conformado ou conformista, da sonolenta sociedade regeneradora. Acompanhava-o uma pequena corte de discípulos ou apaniguados reverentes, tão disposta a incensá-lo como a auferir a bênção do seu magnânimo aplauso. Nesta "escola do elogio mútuo" estavam representados, entre outros, os nomes de Manuel Pinheiro Chagas, Tomás Ribeiro, Mendes Leal, Júlio César Machado, Silva Túlio, Eduardo Vidal, Zacarias Aça e Bulhão Pato⁽¹⁴⁾. Pressentindo o risco de poder vir a ser fortemente abalado o cânone estético dominante, Pinheiro Chagas procurara esconjurá-lo, esmaltando alguns dos seus artigos jornalísticos com alusões mordazes à forma e conteúdo de escrita dos neófitos conimbricenses. Porém, a polémica só estalaria através da reactividade provocada pela carta-posfácio dirigida por Castilho ao editor do *Poema da Mocidade*, de Pinheiro Chagas. Reiterando o seu bem conhecido estilo encomiástico, Feliciano de Castilho considerava a obra de Chagas de qualidade superior e recomendava aos poderes públicos que desde logo fosse entregue a este seu dilecto discípulo, a cadeira de Literatura Moderna, que vagara no Curso Superior de Letras e que Teófilo Braga também cobiçava⁽¹⁵⁾. Eram breves - mas venenosas - as alusões aí feitas a Antero e Teófilo, denunciando visivelmente o empenho de justificar e prolongar as anteriores

⁽¹³⁾ Citado por José Bruno Carreiro, *Antero de Quental. Subsídios para a sua biografia*, Vol. I, Braga, Instituto Cultural de Ponta Delgada, p. 251.

⁽¹⁴⁾ Cf. *Castilho e Camilo. Correspondência trocada entre os dois escritores*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, pp. 253-255.

⁽¹⁵⁾ Lamentando que a cadeira de Literaturas Modernas permanecesse sem docente, Feliciano de Castilho obtemperava, acerca da hipótese de um provimento interino: "Mas porque se não proveria interinamente, e desde já, o ofício em pessoa cuja aptidão fosse provada e incontestada? Ninguém, quanto a mim, estaria mais no caso que Pinheiro Chagas" ("Crítica Litteraria - Carta do Illm^o e Exm^o Sr. António Feliciano de Castilho ao Editor", in M. Pinheiro Chagas, *Poema da Mocidade seguido do Anjo do Lar*, Lisboa, Livraria de A. M. Pereira, p. 208).

arremetidas de Pinheiro Chagas. Antevendo a próxima borrasca, o pontífice de Tibur anunciava a sua decisão de não brigar, porque, segundo declarava, "[tinha] mais que fazer"⁽¹⁶⁾. Quando Ramalho Ortigão interveio na querela com o seu folheto *Literatura de Hoje*, em princípios de 1866, já as desafrontas materializadas por Teófilo Braga nas *Teocracias Literárias* e por Antero nos escritos *Bom Senso e Bom Gosto* e *A Dignidade das Letras e as Literaturas Oficiais* haviam dado azo a toda a sorte de contraditas. A *Literatura de Hoje*, deplorando embora as verrinosas diatribes de Teófilo, assestam o melhor do seu peso dialéctico sobre o jacobinismo superlativo das *Odes Modernas*, ainda que repelindo também as pretensões mesureiras do círculo castilhiano do "elogio mútuo". Ramalho Ortigão opinava que Antero de Quental, esse "Robespierre coimbrão que queria puxar as orelhas ao Sr. Castilho"⁽¹⁷⁾, mereceria o mesmo tratamento que o ministro francês da Instrução Pública, Victor Duruy, aplicara aos estudantes promotores do Congresso académico socialista de Liège. O ministro punira-os com a exclusão perpétua de todas as academias de França, fazendo-os recolher ao seio das respectivas famílias, com o fim de nelas lhes serem ensinados, segundo Ramalho, "os deveres de bons cidadãos e de bons cristãos"⁽¹⁸⁾. Dirigindo-se directamente ao tal Robespierre mondeguinto, o nosso José Duarte obtemperava: "Levante o revolucionário coimbrão as mãos a Deus, e em vez de se queixar agradeça à Providência o tê-lo colocado num país onde felizmente se não pensa como em França"⁽¹⁹⁾. No entanto, apesar da férula punitiva com que Ramalho pretendeu espalmar a "fria materialidade" e a "crua indiferença religiosa"⁽²⁰⁾ do autor das *Odes*, não nos parece que a sua vigorosa crítica promane dos alvéolos de uma escola conservadora de filosofia política,

⁽¹⁶⁾ As considerações de Castilho encerravam com este //post-scriptum//: "Queira v. sa dizer de antemão aos que discordarem das minhas opiniões, e o houverem de dizer pela imprensa, que o Virgílio me não dá licença para lhes responder. O que pensava e sentia expendi-o; lá brigar não brigo, que tenho mais que fazer" (*Idem*, p. 243).

⁽¹⁷⁾ J. D. Ramalho Ortigão, "Literatura de Hoje", in Alberto Ferreira e Maria José Marinho, *Bom Senso e Bom Gosto (A Questão Coimbrã)*, Vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional, [1985], 2ª ed., p. 164.

⁽¹⁸⁾ *Idem*, p. 153.

⁽¹⁹⁾ *Idem, ibidem*.

⁽²⁰⁾ *Idem, ibidem*.

reflexivamente profundada. Pelo contrário, este medular conservantismo escora-se mais na ressonância da emoção, no ruralismo sentimentalista do pretérito empirismo existencial, em suma, na matriz compassiva com que as almas simples dulcificam e naturalizam as diferenças dos estatutos materiais ou das posições hierárquicas, transferindo o significado da fenomenologia social do plano vindicativo global para o plano mais parcelar e mais próximo da mutualidade familiar de serviços. Atente-se neste passo, em nosso entender decisivo, da *Literatura de Hoje*: "Não, o ideal da poesia não é Ulisses, o incendiário; é Eneias, o pio, fugido às chamas, levando a espada no punho, a resignação na alma, e aos ombros o seu velho pai e os seus venerados penates; salvando, guardando e reconstituindo para a posteridade, para a imortalidade e para a glória, as tradições da família, as da religião e as da pátria" (21). Que encontramos aqui? Encontramos a conservação de patrimónios afectivos no lugar da cachoeira revolucionária, esta irrefragavelmente prisioneira da reivindicação economicista, aquela intrinsecamente ligada à passionalidade do que se mantém aquém e além dos estatutos socio-crematísticos; encontramos o transporte da comoção, fidelizado às afinidades familiares imediatas e aos cultos domésticos e intimistas, no lugar do irado serviço prestado à intangível e abstracta Humanidade, objecto proverbial do radicalismo de todos os tempos; encontramos, no lugar do barrete frigio, o hábito de monge de Frei José do Sacramento e a mochila patriótica do velho criado Manuel Caetano. Encontramos Germalde a triunfar sobre a Bastilha!

As alfinetadas com que Ramalho espicaçou Antero chegaram ao ponto de o acusar de covardia, originando entre os dois uma pendência de armas. "Picaram-se a florete" (a expressão é de Camilo Castelo BrancoP)), no arrabalde portuense da Arca de Água. Iludindo todos os vaticínios, que antecipavam a vitória do Hércules nortenho, Antero encerrou a contenda, ao ferir o opositor com uma cutilada.

O desaire não desconjuntou a galhardia do janota José Duarte. Em 1867 vemo-lo rumar à capital francesa, com o objectivo de visitar a Exposição Universal. O Segundo Império de Luís Napoleão

(21) *Idem*, p. 155.

(22) "O Ramalho escolhe a arma. Creio que se picarão a florete" (Carta de Camilo Castelo Branco a António Feliciano de Castilho, de 26 de Janeiro de 1866, in *Camilo e Castilho. Correspondência...*, cit., p. 51).

Bonaparte, o regime do déspota que Vitor Hugo designava zombeteiramente, a partir do exilio, como *Napoléon, le petit*, atingia o zénite da sua magnificencia exterior e da sua funda desordem moral. Paris, universo de prazeres aristocráticos e de refinadas etiquetas sociais, desdobrava-se em rituais mundanos, certamente irresistíveis para a mirada de um lusitano de arribação. José Duarte revelou-se extasiado e em verdadeiro estado de subserviência basbaque. Da digressão nascerá no ano seguinte o volume *Em Paris*, obra que foi, segundo Eça de Queirós, a "carta aos Corintios" de alguém que se rendera quase incondicionalmente à cidade "do chic, das cocottes, das operetas, dos boursiers, dos jockeys, das dançarinas e dos pequenos tiranos'^23).

Pelos meados de 1868, conseguida a nomeação para o cargo de segundo oficial interino da Academia das Ciências de Lisboa, José Duarte Ramalho Ortigão mudou o seu domicílio para a capital do Reino. Vergado à rotina burocrática da função, é provável que o nosso amanuense procurasse uma sociabilidade extra-profissional mais estimulante e menos pardacenta. Valeu-lhe Eça de Queirós, um dos antigos discípulos do Colégio da Lapa. Regressado da visita que fizera ao Oriente na companhia do Conde de Resende, Eça introduziu-o, talvez em 1870, na estúrdia risonha do Cenáculo. O Cenáculo mais não era do que "uma pequena reunião de rapazes em sessão permanente em casa de Antero" e Jaime Batalha Reis⁽²⁴⁾. Gerara-se a agrupação cerca de dois anos antes, como grémio informal, no quarto que Batalha Reis habitara na Travessa do Guarda Mor, ao Bairro Alto. Eça e o judeu Salomão Saragga, ambos amigos do locatário, da pândega noctívaga e dos torneios intelectuais, foram dos primeiros frequentadores. Outros se lhes juntaram, como Mariano e Francisco Machado Faria e Maia, Lobo de Moura, Santos Valente e Manuel de Arriaga⁽²⁵⁾. Também Antero de Quental, uma vez soçobrado o seu plano parisiense de proletarização profissional, se associaria à ruidosa

⁽²³⁾ Eça de Queiroz, "Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araújo)", *Notas Contemporâneas*, Porto, Livraria Chardron, de Leio & Irmão, 1913, 2ª ed., p. 29.

⁽²⁴⁾ Carta de Ramalho Ortigão ao *Diário Ilustrado*, de Outubro de 1874, *As Farpas*, Tomo II, *cit.*, p. 188.

⁽²⁵⁾ Para a caracterização dos primeiros tempos do Cenáculo, leia-se a "Introdução" de Jayme Batalha Reis a Eça de Queiroz, *Prosas Barbaras*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão, Editores, 1909, 2ª ed., pp. XIII-XIX.

tertúlia, talvez nos finais de 1868. A partir de então, o Cenáculo, submetido às anteriores convicções socialistas, mitigará o jogo de facécias arrapazadas para se entregar a mais graves objectos de reflexão. Passaram a ler-se, por entre vivas discussões, as arremetidas revolucionárias de Proudhon. E sob o fervor proselitico de Antero, José Fontana, Jaime Batalha Reis e Eça de Queirós, simpatizantes activos da Internacional operária, levaram-se a cabo diligências preparatórias para a realização das Conferências Democráticas do Casino, finalmente anunciadas por prospecto datado de 16 de Maio de 1871⁽²⁶⁾. Seguramente que Ramalho se apercebera dos assomos de incontinência socio-política e das hipóteses alternativas aí congeminadas para rebater o conservantismo impenitente do liberalismo cartista. Porém, a versão ramalhiana do Cenáculo, agora a funcionar em S. Pedro de Alcântara, confinou-se ao registo dos chistes cintilantes, das historietas casuais e das hilariantes intervenções de desfrute, jamais se alargando à considerável sisudez da cidadania empenhada⁽²⁷⁾. Com efeito, na carta dirigida por Ramalho ao *Diário Ilustrado*, em Outubro de 1874, destinada a rememorar as peripécias do Cenáculo, não se concede sequer um vestígio de relevo aos esforços colectivos tendentes à viabilização das conferências do Largo da Abegoaria. Nada disto é negligenciável. A sagacidade de Eça descortinava-lhe, por esta altura, "ideias de dandi" infusas em "prosa de frade". Na magnífica biografia que o autor do *Crime do Padre Amaro* lhe dedicou, a pedido de Joaquim de Araújo, em 1878, caracterizava-se assim a compleição de espírito que neste momento singularizava Ramalho Ortigão: "dizia-se conservador; admirava, Deus me perdoe, os tenores de S. Bento (de que mais tarde devia fazer a prodigiosa caricatura); detestava a Democracia porque lhe supunha caspa; era entre nós, barbado, o S. Paulo do *crevettismo*; se não era inteiramente devoto, achava a religião um acessório indispensável ao homem bem educado"⁽²⁸⁾. Nada

(26) "Nós fomos até aí no Cenáculo uns quatro ou cinco demónios, cheios de incoerência e de turbulência [...]. Sob influência de Antero [...] começamos à noite a estudar Proudhon, nos três tomos da *Justiça e a Revolução na Igreja*, quietos à banca, com os pés em capachos, como bons estudantes" (Eça de Queiroz, "Antero de Quental", *Notas Contemporâneas, cit.*, p. 393).

(27) Cf. Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Tomo II, *cit.*, pp. 188-197.

(28) Eça de Queiroz, "Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araújo)", *Notas Contemporâneas, cit.*, p. 30.

espanta, pois, que Ramalho se tenha apartado de subscrever o programa das Conferências e não tenha sido um dos prelectores. O seu nome também não andará associado, de início, à numerosa hoste dos que contestaram o parecer do Procurador Geral da Coroa, Martens Ferrão, que validará a portaria com que António José de Ávila proibiu a continuidade do revolucionário empreendimento. Apenas em Setembro invectivará, n'As *Farpas*, o discurso parlamentar de Manuel Pinheiro Chagas, em apoio do governo. Este texto ramalhiano foi elaborado de maneira muito hábil: não contém uma única palavra que permita o acasalamento das suas convicções políticas com o ideário dos conferencistas. O seu protesto tem como alvo, tão só, a violação, por parte das autoridades, dos direitos de liberdade de palavra e de pensamento, defendendo abstractamente as garantias que deveriam assistir a quaisquer enunciados teóricos. Longe de avançar com um modelo preconcebido de reorganização social, longe de reconhecer a hegemonia intelectual de uma das parcialidades, Ramalho apelava apenas às virtudes da livre discussão²⁹).

Sendo neste momento muito perceptíveis e nítidas as diferenças ideológicas existentes entre Eça e Ramalho, como poderemos, então, explicar o projecto comum de lançamento d'As *Farpas*, coetâneo das Conferências do Casino? E como poderemos, sobretudo, entender que no tempo útil de existência desta famosa publicação, José Duarte Ramalho Ortigão se transfigure, ao arrepio de toda a lógica aparente, num apologeta do republicanismo? Os co-autores responderam cabalmente à primeira questão na carta que fizeram publicar no *Diário Popular* de 5 de Maio de 1871, ou seja, nas vésperas da publicação da primeira brochura. Aí se dizia, contrariando o boato do presumido republicanismo da colectânea a surgir, que *As Farpas* teriam como único partido político o bom sense³⁰). E, com efeito, o óculo do diabinho

(29) Cf. Ramalho Ortigão, *As Farpas*, Tomo IX, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944, pp. 7-16.

(30) "Tendo-se espalhado que o periódico *As Farpas* é uma publicação republicana, julgamos dever declarar o seguinte: *As Farpas* têm por único partido político o bom senso." (Carta de Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, publicada no *Diário Popular* de 5 de Maio de 1871 e citada por Rodrigues Cavalheiro na sua obra *A evolução espiritual de Ramalho*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1962, p. 37, nt. 11).

que adornava a capa de cor bege do primeiro caderno, aparecido em Junho de 1871 (mas reportado ao mês anterior), passou a assestar-se sobre as disfunções e sobre os morbos mais notórios da sociedade regeneradora, sem poupar as tumefacções da própria doutrina republicana e dos seus mais risíveis intérpretes. A formação social vigente iria ser escorchada nos seus tiques, nas suas fatuidades, na sua vaidosa feira de nulidades impantes, na sua acanhada mundanidade, na sua refalsada retórica, na sua arte de pacotilha, na sua ética de hipócrita conveniência, numa palavra, em todas as manifestações da vida colectiva que ressumassem cálculo, veniaga ou apenas medíocre e falaz desempenho. E certo que Eça confidenciou a João Penha o seu desiderato de pôr de pé um "jornal de luta, jornal mordente, cruel, incisivo, cortante e sobretudo jornal revolucionário"⁽³¹⁾. Tratar-se-ia, contudo, de uma revolução de costumes, através da qual os autores, "dois simples sapadores às ordens do senso comum"⁽³²⁾, cumpririam a mesma descomprometida censura que um Alphonse Karr materializara em França, derrancando através da sátira o sonolento regime patrocinado pelo "rei-cidadão" Luís Filipe, entre 1830 e 1848. Desta maneira, o criticismo inerente às *Farpas* não se explicitou mediante arreganhos de demolição institucional, ou através de práticas estremadas de sectarismo militante, ou por via de cálculos de enfrentamento entre facções inimigas. Ramalho rogava, por isso, que o seu periódico não fosse confundido com o "ómnibus de Carnide", declarando "terminantemente", em seu nome e no de Eça, que *As Farpas* não eram "republicanas, nem socialistas, nem absolutistas, nem constitucionais" ⁽³³⁾. Contudo, quando em fins de 1872 Eça teve de abandonar a obra comum para iniciar em Havana a carreira diplomática com que iria granjear a sua subsistência, eram notórias as mútuas diferenças de concepção. Será este o ponto de partida com que abordaremos a tão controversa conversão republicana de Ramalho.

(31) Carta de Eça de Queiroz a João Penha, do ano de 1871, citada por João Medina, "O Tiso que peleja". *As Farpas* de Eça de Queiroz (1871-1872), *Revista da Faculdade de Letras*, Lisboa, n.º 19-20, 1995-1996, p. 14, nt. 18.

(32) Ramalho Ortigão, "O nosso programa", *As Farpas*, Tomo XII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1945, p. 239.

(33) Ramalho Ortigão, "Rôgo explícito de que não seja tomado este periódico pelo ómnibus de Carnide", *idem*, p. 60.

Para Eça a colectânea não podia deixar de ser o "instrumentozinho de demolição", a "pequena catapulta"⁽³⁴⁾, eficaz mas permanentemente risonha, percuciente mas leve, despreocupada como um cortejo de estudantes em férias. Mas para Ramalho, como é referido pelo seu parceiro literário, os fascículos "iam já tomando a gravidade de urna missão" pedagógica, pela qual a "alegre catapultazinha" se trasmudava "numa austera cadeira de professor"⁽³⁵⁾. O elegante fútil que copiava os peraltas portuenses da Praça Nova iria converter-se, em Lisboa, num grave, num aplicado aprendiz de sociólogo. Se antes fora um conservador afectivo, inaugurar-se-á, a partir de agora, o balanço mental que o transformará num conservador racional. Irá devorar apressadamente Stuart Mill, Comte e Spencer, Darwin, Liebig e Virchow, Proudhon e Michelet, Cuvier e Humboldt, Haeckel e Buchner, Renan e Ruskin, reforçando ainda o seu pragmático bom senso com as leituras de Voltaire, Condillac, Condorcet, Rousseau, La Mettrie e outros velhos adornos do Iluminismo. Notemos desde já que era este o repositório de referências livrescas com que certa casta de republicanos conceptuais operavam a equivalência entre a teleologia do progresso histórico, tida como inelutável, e o triunfo da "nova ideia" republicana, tida como a emanação necessária da sucessão diacrónica⁽³⁶⁾. A influência de Teófilo Braga, frequentador habitual da Academia das Ciências, teria sido determinante nesta mutação. Deste modo, a república em que Ramalho passará a acreditar apresenta-se-nos como o produto de urna pretensa demonstração sapiente e não como o residuo declamatorio de demagogias verbais alucinadas. A isto corresponderá, concomitantemente, a apologia do elitismo ilustrado. O seu republicanismo exaltar-se-á, portanto, as reformas sociais discretamente executadas por minorias cientificamente preparadas; abominará as "proclamações monarquicofágicas" de Angelina Vidal e os "poemas epiléptico-larvados" de Gomes Leal⁽³⁷⁾; desconfiará da

(34) Eça de Queiroz, "Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araújo)", *Notas Contemporâneas, cit.*, p. 37.

(35) *idem*, pp. 36-37.

(36) Cf. Amadeu Carvalho Homem, *A propaganda republicana. 1870-1910*, Coimbra, 1990, pp. 21-23.

(37) [Ramalho Ortigão], "Pilhéria de mais", *O Antonio Maria*, 24 Nov. 1881, Anno III, p. 371, col. 2.

espontânea acção das massas populares; dará a entender que as próprias divisão e especialização do trabalho social tiram da acessibilidade do vulgo as funções especulativa e preditiva da missão científica. Por isso, pedirá ao Partido Republicano que se mantenha fiel à sua missão pedagógica e filosófica para não ter de o mandar passear para o Aterro³⁸). Até cerca de 1885, *As Farpas* fixar-se-ão em declarações de princípio que irão sobrepor às formas concretas dos governos as dissuasões de uma sociopedia reconstrutiva e, neste sentido, revolucionária. Esta recomendável revolução inseria-se totalmente na linha positivista de uma revisão teórica, ao serviço da meditada elaboração de um novo axiomaso social. Era uma revolução que se preparava no silêncio penumbroso das bibliotecas e não no fragor inútil das barricadas. Era uma revolução que germinava nos arcanos dos cérebros e não na decisão de braços armados. Feitas estas clarificações, parecem-nos ilegítimas as interpretações dos que, como Eduardo Burnay ou Augusto de Castro, lançam a dúvida sobre a autenticidade do republicanismo de Ramalho, nesta fase da sua vida³⁹). O homem que em Abril de 1876 saudou a fundação do Centro Republicano Democrático de Lisboa e vaticinou então a próxima conversão de toda a latinidade ao regime republicano ⁴⁰), que considerou ser a república no governo "a mais pura expressão da democracia" ⁴¹), foi o mesmo que presidiu, no decurso

³⁸) "Se todavia - em vez de ensinar pura e unicamente - o centro republicano pretender fazer eleições, fazer política e - o que é mais que tudo lastimável - fazer república, nesse caso parece-nos que será mais útil, mais patriótico e mais sublime, deixar-se disso e ir passear para o Aterro" (Ramalho Ortigão, "Um clube republicano", *As Farpas*, Tomo VII, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943, p. 198.

³⁹) Cf. Eduardo Burnay, *Ramalho Ortigão. Carta a Luiz de Magalhães*, Lisboa, Typographia "A Editora Lda", 1916; Augusto de Castro, "Ramalho Ortigão, seu exemplo e sua obra", Prefácio da edição integral d '*As Farpas*, Tomo I, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1963.

⁴⁰) "Na evolução política das nações latinas, o advento da república, dentro de um período mais ou menos próximo, pode desde hoje predizer-se com toda a segurança" (Ramalho Ortigão, "Um clube republicano", *As Farpas*, Tomo VII, *cit.*, p. 196).

⁴¹) "O operário é geralmente republicano, - o que não consideramos absolutamente um mal. A república é no Governo a mais pura expressão da democracia [...]" (Ramalho Ortigão, "A instrução pública - Carta ao Sr. Ministro do Reino", *As Farpas*, Tomo XV, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1946, p. 80).

das eleições de Outubro de 1878, ao comício de apoio a Manuel de Arriaga, realizado no teatro da rua do Condes⁽⁴²⁾; foi o mesmo que favoreceu quanto pôde os trabalhos da Junta Federal em benefício de Teófilo Braga, redigindo, a pedido de Joaquim de Araújo, um notável esboço biográfico sobre a personalidade deste candidato, concorrente ao círculo 94⁽⁴³⁾.

Aluda-se, de passagem, à participação de Ramalho Ortigão nas festas comemorativas do tricentenário de Camões, em 10 de Julho de 1880, e à colaboração prestada a Rafael Bordalo Pinheiro, entre Novembro de 1880 e Abril de 1882, quando se ocupou da parte literária do jornal de caricaturas *O António Maria*, em substituição de Guilherme de Azevedo. Temos como quase certo que os juízos expendidos em ambas as tarefas lhe valeram exasperações das parcialidades em confronto. A conjugação entre o culto das élites mentais e a Democracia, inerente à sua postura, irritaria aqueles republicanos que tinham como seguro que era defeso à Democracia a transigência com quaisquer formas de aristocratismo; e, por outro lado, não contentaria aqueles monárquicos que davam como adquirido que as élites só poderiam manter a sua primordialidade se funcionassem nos antípodas do republicanismo. Ramalho foi, deste modo, um republicano *sui generis*, medularmente conservador, pronto a acatar as demonstrações livrescas das diversas ideações democráticas e igualmente pronto a manifestar o seu profundo desprezo pelo falatório ignaro do demagogismo popular.

O período balizado pelos anos de 1883 e 1887 inicia-se e encerra-se com dois livros de viagens, respectivamente *A Holanda* e *John Bull*. Maus iam os tempos para a política tarimbeira nacional. O partido de Fontes Pereira de Melo, temeroso da filúcia dos adversários progressistas e da vozeria do inimigo republicano, neste último caso encorajada pelo pronunciamento militar de Badajoz, procurou escorarse na legislação punitiva de Lopo Vaz; na Madeira, na assembleia eleitoral da Ribeira Brava, a fuzilaria da tropa prostrava mortalmente

(42) Cf. Teófilo Braga, *Historia das ideias republicanas em Portugal*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1880, pp. 239-240; S. de Magalhães Lima, *A revolta. 2ª parte. Processo da monarchia*, Lisboa, Typographia Nacional, 1886, pp. 46-47.

(43) J. D. Ramalho Ortigão, *Theophilo Braga. Esboço biographico*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1879.

sete eleitores, em Junho de 1884. Arribado ao Partido Progressista nos começos de 1885, Oliveira Martins procurava persuadir o velho Anselmo Braamcamp a incutir "vida nova" ao grémio que chefiava, musculando-lhe a doutrina com o autoritarismo catedrático-socialista haurido da concepção hegeliana de Estado e das teorias divulgadas por Emílio de Laveleye; porém, nem a sombra de Bismarck, suposto praticante desta corrente, demovia os "marechais" e as capelas e grupúsculos progressistas de conchavarem enredos à rédea solta⁽⁴⁴⁾. Também no Partido Republicano, a aparente unidade das tendências federalista e unitária, alcançada em 1883, através da formação de um directorio consensual, não evitaria a eclosão de atritos e querelas entre personalidades emblemáticas da causa democrática. A crise instalou-se com tamanha pertinácia que em 1886 Teixeira Bastos asseverava na imprensa que o núcleo dirigente republicano, não tendo sido poder em Portugal um só instante, "já se achava tão desacreditado, senão mais, do que os seus rivais monárquicos" ⁽⁴⁵⁾.

Começam por esta altura a ganhar visibilidade alguns sinais de fadiga do nosso escritor relativamente ao estilo intransigente e hiper crítico dos seus trabalhos. E como nunca fora um republicano com cartão timbrado e cadeira reservada nas assembleias dos centros ou dos congressos, pôde realizar, por volta de 1885, uma revisão ideológica que, mantendo incólume o feixe das "evidências" estruturantes do seu sociologismo político, alija, em contrapartida, o recurso ao aparelho republicano como meio de o realizar. A inclusão de Ramalho no grupo gastronómico dos "Vencidos da Vida" irá contribuir para o reforço deste aristocratismo teórico, desde sempre implícito no seu discurso, mas agora em vias de se desfraldar explicitamente. É certo que a famosa tertúlia jantante não se assumiu, ao contrário do que se murmurava por Lisboa, como o germe de um novo partido político. Alguns dos seus elementos, tais como os Condes de Ficalho, de Arnoso e de Sabugosa, tais como Carlos de Lima Mayer e Luís Pinto de Soveral, tal como Eça de Queirós, faziam ponto de honra na publicitação da sua independência política. Porém, os restantes tinham secundado, com

(44) Cf. Lopes d'Oliveira, *História da República Portuguesa. A propaganda na monarquia constitucional*, Lisboa, Editorial Inquérito, [1947], pp. 50-69.

(45) Teixeira Bastos, "A crise do Partido Republicano", *Almanach Republicano para 1887*, Lisboa, Nova Livraria Internacional, 1886, p. 23.

maior ou menor discrição, o plano da "Vida Nova" de Oliveira Martins. O nome de "Vencidos da Vida", com que este baptizara a degustativa arregimentação, quadrava inteiramente ao insucesso da tentativa martiniana, já consumado em 1888, ano provável em que tal grupo de amigos começou a saciar fomes e sedes requintadas no hotel Bragança, no restaurante Tavares e nas hortas suburbanas. Assim, para além de Oliveira Martins, também António Cândido, Carlos Lobo de Ávila e Guerra Junqueiro poderiam reclamar a condição de "vencidos" na pejeira política. Ao inserir-se neste círculo de sociabilidade, Ramalho Ortigão estreitou relações não apenas com elevados cortesãos da hierarquia monárquica mas também com o príncipe real, D. Carlos, e com a sua noiva, Dona Amélia de Orleans. O "vencidismo", na sua informal vertente política, reiterava o pendor antidemocrático de Oliveira Martins, crucificando a cegarrega retórica das figuras políticas de proa, identificadas com a engrenagem rotativa⁴⁶). Ramalho afinava por este diapasão, apresentando, no entanto, a previsível peculiaridade de contemporizar com a legalidade instituída enquanto não fosse possível sobrepor ao fetichismo das urnas eleitorais a convicção social da natureza científica e técnica das funções governativas. O jornal *O Tempo*, de Carlos Lobo de Ávila, abriu um inquérito destinado a recolher as opiniões de um escolhido naipe de depoentes sobre as vantagens do sufrágio universal. Ramalho respondeu à chamada em Outubro de 1889, caracterizando o sufrágio popular como uma "nova superstição" pertencente "à série do Ente Supremo, da Deusa Razão, da Homeopatia, das Cartas Constitucionais e das mesas que andam à roda"⁴⁷). Neste florilégio de ironias sepultava Ramalho uma das reivindicações nucleares do democratismo português. E inumava também os despojos do republicanismo *instrumental* e sapiente em que um dia depusera algumas reticentes expectativas.

O reinado de D. Carlos iniciou-se praticamente com o pesadelo do Ultimato e com a profusão de reacções anti-britânicas e anti-monárquicas que não podem aqui ser esmiuçadas. Inaugura-se agora a derradeira fase da prédica política de Ramalho. Insistia ele que a

(46) Cf. Amadeu Carvalho Homem, *O Conde de Arnoso e o seu tempo*, Câmara Municipal de V. N. Famalicão, 1998, pp. 14-17.

(47) Ramalho Ortigão, "A superstição mais catita", *Folhas Soltas. 1865-1915*, cit., p. 189.

excepcionalidade da crise requeria medidas de emergência também excepcionais. Céptico perante os efeitos da Grande Subscrição Nacional, da Liga Patriótica do Norte e da Liga Liberal, desdenhoso para com o fragor tumultuário das ruas, o nosso crítico apelará para "um ministério de concentração patriótica"⁽⁴⁸⁾ que batesse em brecha as explorações usurárias e purificasse as nascentes da moralidade política. Urgia realizar, segundo as suas taxativas palavras, "uma ditadura de probidade, de economia e de trabalho" ⁽⁴⁹⁾, susceptível de liquidar a "parlamentarice dos últimos vinte anos"⁽⁵⁰⁾ e de operar a "remodelação completa da nossa política". Para tal, afigurava-se-lhe indispensável criar "um novo partido nacional, independente de todos os compromissos e de todas as solidariedades vigentes" ⁽⁵¹⁾. O que aqui encontramos, afinal, é o programa da "Vida Nova", na terminologia corrente de um "vencidista" bem intencionado.

A abortada revolta republicana portuense de 31 de Janeiro de 1891 veio encontrar um Ramalho impávido, distante, quase desdenhoso. Um dos preceitos norteadores da sua cartilha de convicções asseverava a indiferença perante as formas de governo. Era questão de somenos que um regime se adornasse com uma aristocrática coroa ou com um plebeu barrete frigio, se não tivesse como desígnio profundo encaminhar o todo social para a senda da ilustração reconstrutiva. Os anos subsequentes ao Ultimato aprofundaram-lhe o afecto por João Franco, figura cimeira da ditadura imposta ao país por Hintze Ribeiro, a partir de 1895. Franco alimentava o propósito de corporativizar o regime monárquico e de organizar um grande partido nacional, em ruptura com a dissolução rotativa⁽⁵²⁾. As convergências de opinião entre os dois homens eram, assim, evidentes. E a estima devotada pelo governante ao escritor exprimiu-se na nomeação de Ramalho para o cargo de Inspector das Escolas Industriais da Circunscrição do Sul e

⁽⁴⁸⁾ Ramalho Ortigão, "Lorde Salisbury e correlativos desgostos", *John Bull*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1959, p. 238.

⁽⁴⁹⁾ *idem*, p. 247.

⁽⁵⁰⁾ Ramalho Ortigão, "A última crise", *As Farpas*, Tomo XI, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944, p. 317.

⁽⁵¹⁾ *Idem*, p. 319.

⁽⁵²⁾ Cf. Amadeu Carvalho Homem, "João Franco ou a tentação ditatorial", *História de Portugal* [dirigida por João Medina], vol. IX, [Alfragide-Amadora], Ediclube, [1993], pp. 389-399.

na sua indigitação oficial para vogal da comissão portuguesa que preparou com as autoridades espanholas, entre 1892 e 1894, os festejos referentes às viagens de Cristóvão Colombo. D. Carlos, por sua vez, haveria de convidá-lo a trabalhar na organização dos fundos e espólios da Biblioteca da Ajuda. Os republicanos não lhe perdoariam esta privança com a realeza, interpretandò-a como uma deplorável retratação. Daí que o caricaturista Celso Herminio e o jornalista João Chagas lhe não tivessem perdoado a suposta deserção democrática. Assim, no jornal portuense *O Berro*, de 1 de Março de 1896, o traço galhofeiro de Celso Herminio ilustrou a secção "Defuntos" com a efigie de Ramalho surdindo de um sapato de polimento e com o desenho de um cemitério em fundo. O texto que se lhe referia, certamente concebido por João Chagas, dizia o seguinte: "A arte e a literatura portuguesa participam aos seus amigos que foi Deus servido levar da vida presente José Duarte Ramalho Ortigão, escritor-público, evangelista, crítico de arte e de costumes. O préstito sairá da Biblioteca da Ajuda⁵³). Era infundada a crítica? Não o seria dentro do foco redutor das aparências. Era-o, contudo, no plano mais compreensivo e profundo da mutação psicológica da senectude, em avanço inelutável. É que, dobrado o promontório dos 60 anos, regressou em força a linguagem primeva das emoções e dos afectos. A admirável combatividade ramalhiana relativizou-se e reconcentrou-se numa ideosfera alheia à torva personificação dos conflitos. Nos começos de 1900, obrigou-se a desfazer a atoarda que dava como certa a continuidade das *Farpas* nos artigos com que proximamente valorizaria as páginas da revista *Brasil-Portugal*. A memória do crítico de antanho mereceria, a seu ver, que se lhe inscrevesse um epitáfio com estas palavras: "Aqui jaz um ouriço cacheiro". E esclarecia que uma tal morte espiritual fora precipitada por "incompensação de lesões". Matara-o "a impossibilidade de ser conjuntamente panfletário e avô⁵⁴). Como assim? "Sabei mancebos", ponderava ele, "que nos não é dado fazer saltar nos joelhos o nosso neto e fazer conjuntamente saltar no arame o nosso próximo. Ou bem que se é pela troça ou bem que se é pela ternura⁵⁵). E, depois de assegurar que cultivava agora a

(53) Citado por Rodrigues Cavalheiro, *ob. cit.*, p. 184.

(54) Ramalho Ortigão, //Explicações/, *Folhas soltas. 1865-1915, cit.*, p. 276.

(55) *Idem*, p. 274.

mansidão, Ramalho concluía: "Um velho agressivo faz-me tanta lástima como um rapaz servil e medroso. De atleta demiti-me"⁽⁵⁶⁾. "Por conseguinte, se quereis heroísmo, se quereis esplendor, se quereis *Farpas*, chamaí às armas a mocidade"⁽⁵⁷⁾. Eneias, o pio, iria uma vez mais sobrepor-se às arremetidas racionalistas de um Ulisses revolucionário e já quase esquecido. Reconhecia agora que o seu destino se deveria jogar exclusivamente no plano artístico, pois só a Arte poderia "cultivar no coração dos homens a flor da simpatia"⁽⁵⁸⁾. E na medida em que a Arte é também - e talvez sobretudo - um registo de afectos, assim igualmente o conservantismo de Ramalho mana com impetuosa exigência da matriz básica do seu temperamento emotivo. Conservador de carinhos e de memórias, poucos dos vultos da Geração de 70 dedicaram como ele tantas e tão bem redigidas páginas às reminiscências da infância e da adolescência. E, se não nos enganamos, nenhum deles expôs com tão sentida clareza o universo da bonançosa ruralidade que o acompanhou à saída do berço. A imagem da mãe, que o conduzia com ternura à penumbra dos humildes templos católicos e o ensinava "a dizer em voz baixa, trémula de comoção, ao ouvido, as palavras supremas em que a sua fé resumia os mais ardentes votos que ainda alguém fez a Deus para que Ele o tornasse corajoso e bom, resignado e feliz" ⁽⁵⁹⁾, instilou-lhe "o respeito à igreja como um facto do sentimento, da crença e da tradição doméstica" e não como "um facto de disciplina"⁽⁶⁰⁾. Percorra-se, de uma ponta à outra, toda a obra ramalhiana do período racionalista e livre-pensante. Encontraremos inexauríveis imprecações contra os padres mundanos, contra a agiotagem das indulgências, contra a reserva mental jesuítica, contra a puerilidade das discussões eclesiásticas, contra a diferenciação de enterramentos para gente pobre e gente rica, contra o comércio das relíquias, contra a fanatização das mulheres por via do confessionário,

⁽⁵⁶⁾ *Idem*, p. 276.

⁽⁵⁷⁾ *Idem*, p. 279.

⁽⁵⁸⁾ Ramalho Ortigão, "Prefácio" à 2ª ed. d'*A Holanda*, citado por António Sérgio na colectânea *As origens da Holanda (De "A Holanda" por Ramalho Ortigão)*, Lisboa, 1937.

⁽⁵⁹⁾ Ramalho Ortigão, "Um desacato. Meios propostos para aplacar a divindade", *As Farpas*, Tomo V, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943, p. 123.

⁽⁶⁰⁾ Ramalho Ortigão, "A educação religiosa. Episódios da desobriga", *As Farpas*, Tomo VIII, *cit.*, p. 276.

contra o voto de castidade do sacerdócio, etc. Mas não nos será dado topar urna só frase, o mais leve remesso de agressão ao patrimonio religioso das tradições domésticas. Surpreenderemos, pelo contrário, a mais sincera, a mais autêntica, a mais intransigente defesa do rústico e espontâneo sentimento religioso popular e poético, vazado na ancestralidade dos costumes dos povos, através do qual ressoam litánias de saudade e de delicadeza afectiva nos requiebrados da alma. Se a nossa análise nos não engana, encontramos aqui a chave mestra que nos permite descodificar as posturas político-sociais de José Duarte Ramalho Ortigão. O accidental, o acessório, o cambiável é o que se integra no contexto da sua aventura racional, fazendo-o transitar, por via de leituras filosóficas e científicas, do seu tradicionalismo originário ao seu republicanismo episódico; o permanente, o essencial, o imutável é essa estabilidade de modelos afectivos, de paradigmas comportamentais que, uma vez fixados indelevelmente em Germalde, modelarão com a força dos arquétipos inapagáveis todos os compromissos da sua futura sociabilidade. Considerando-se "absolutamente estranho à política, não tendo na evolução dos acontecimentos públicos espécie alguma de ingerência" ⁽⁶¹⁾, Ramalho passou a determinar os seus comportamentos públicos pela gramática das efusões passionais, sem alijar, contudo, a fidelidade ao conjunto das convicções nucleares a que subordinara o seu evangelho elitista. Não foram só os transportes da amizade cega que fizeram dele um regenerador-liberal, quando João Franco alcançou o poder, em Maio de 1906, para decretar a ditadura, um ano volvido. Ramalho Ortigão foi franquista pelo somatório das mesmas razões que também para aí levaram Fialho de Almeida, Eugénio de Castro, Teixeira Lopes, Antero de Figueiredo, Henrique de Barros Gomes e tantos outros. Todos se persuadiram que os entranhados vícios dos partidos rotativos eram absolutamente intransponíveis e que nada se poderia esperar do seu protagonismo laxista e corruptor. E todos esperavam que o consulado franquista, viabilizado por D. Carlos, pudesse determinar o crepúsculo do exangue constitucionalismo cartista e a correlativa afirmação de uma honrada casta de novos políticos. Desta conjugação de afectos e

⁽⁶¹⁾ Ramalho Ortigão na *Ilustração Portuguesa*, 24 Dez. 1906; citado por P. Moreira das Neves, *O Grupo dos Cinco. Dramas espirituais*, Lisboa, Livraria Bertrand, [1945], p. 183.

crenças derivará também a sua desassombrada apologia de D. Carlos, após a consumação do brutal regicídio de 1 de Fevereiro de 1908. No momento em que todos vergavam a cerviz às contemporizadoras políticas "de acalmação", defendidas nos primórdios do reinado de D. Manuel II pelos governantes chefiados por Ferreira do Amaral, duas vozes, só duas, se ergueram: a do Conde de Arnoso, na tribuna da Câmara dos Pares, e a de Ramalho Ortigão, no preito comovido de escritos como *Rei D. Carlos, o martirizado* e em *S.M. El-Rei D. Carlos I e a sua obra artística e científica*, ambos de 1908. Ver nestes escritos a simples retribuição da benesse régia que o promovera, em 1905, a bibliotecário da livraria da Ajuda afigura-se-nos tão simplista como encarar como expediente de bajulação a carta que Ramalho remeteu a Teófilo Braga, presidente do governo provisório da república triunfadora, em 16 de Outubro de 1910. Escutemo-lo: "Sabe muito bem V., conhecendo a minha orientação mental, que, indiferente às formas de governo, nada em política me é mais fundamentalmente antipático do que o votismo e o parlamentarismo, que eu considero os mais destrutivos agentes da capacidade administrativa em democracias insuficientemente educadas para a liberdade. O governo a que V. preside provém da intervenção fortuita de uma elite que distribuiu o exercício das funções pela especialização das capacidades. Esta génese torna para mim particularmente interessante e atraente o seu governo". Mas logo acrescentava, para prevenir quaisquer equívocos: "Não vá julgar porém, meu caro Teófilo, que por meio desta sincera confissão eu venho formular a minha adesão à República, engrossando assim o abjecto número de percevejos que de um buraco estou vendo nojosamente cobrir o leito da governação. Não; pela minha parte eu não presto esse tributo à República. Nunca também o prestei aos políticos monárquicos, de cujos partidos nunca fiz parte, a cujo funcionalismo nunca pertenci, aos quais nunca absolutamente pedinhei o que quer que fosse"⁽⁶²⁾. Sintomaticamente, a equanimidade demonstrada nesta carta ignora a violência com que, oito dias antes, as tropas da república haviam violado o seu domicílio da Travessa dos

⁽⁶²⁾ Ramalho Ortigão, *Carta de um velho a um novo*, Lisboa, Edições Gama, 1947, pp. 89-90. Neste texto de Ramalho se transcreve a carta cujo excerto se transcreve, por ele dirigida, em 16 de Outubro de 1910, a Teófilo Braga, Presidente do governo provisório da República recém-proclamada.

Caetanos, arrombando a porta na sua ausência e profanando-lhe a inviolabilidade, com base na denúncia vaga de que aí se acoitavam perigosos elementos contra-revolucionários.

Se Ramalho decidiu abrir o mais contundente dos requisitórios anti-republicanos, que podemos ler nas *Últimas Farpas*, foi porque viu frustradas as esperanças de radicação de uma "salutar e indispensável ditadura, um transitório encaminhamento para novos e prósperos destinos"⁶³), ditadura provisória em que confiava para que, um tanto à semelhança do republicaníssimo Basílio Teles, uma população de quatro milhões de analfabetos sobre cinco milhões de habitantes pudesse ser introduzida na compreensão das liberdades democráticas. Isto pressuporia, em seu entender, que a sanção científica viria avalizar as novas codificações dos comportamentos colectivos. Por isso, a precipitação febril com que foram promulgadas as leis da família, da religião, da justiça, do trabalho, do pensamento, do divórcio, do ensino, das greves, do inquilinato e da imprensa lhe haveriam de merecer este desabafo: "Os republicanos, por um lamentável erro de construção, fizeram uma república com os capitéis para baixo, e tratam agora de lhe pôr as bases em cima"⁶⁴).

Para se furtar a perseguições e maledicências, Ramalho exilou-se por um breve período em Paris, após a implantação das instituições republicanas. Foi-lhe grato acompanhar na capital francesa a plétora espiritualista com que a Europa culta, na primeira década do novo século, repudiava os modelos teóricos positivistas, evolucionistas e materialistas que tinham marcado a segunda metade do século anterior. Como viajante sedento por diferentes paisagens, como estudioso da natureza humana, como indagador de práticas colectivas em contraste, Ramalho, depois de conhecer exaustivamente o seu país, digressionou pela Europa em jornadas de estudo e de recreio. Não ficou imune à grande viragem filosófica que acontecia um pouco por todo o lado. Quem poderia vaticinar que o racionalista e livre-pensador das *Farpas* entraria no século XX com a bênção do Papa Leão XIII, que lhe concedeu uma audiência privada?⁶⁵

(63) Ramalho Ortigão, "A revolução de Outubro", *Últimas Farpas*. 1911-1914, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1946.

(64) Ramalho Ortigão, "Breve recapitulação", *idem*, p. 76.

(65) Cf. Rodrigues Cavalheiro, *A evolução espiritual de Ramalho, cit.*, pp. 149-159.

Quem imaginaria que as sôfregas leituras de Spencer, de Comte, de Buchner, de Wyruboff, de Littré, iriam ser postas de lado e que o seu livro de cabeceira viria a ser a *Imitação de Cristo*, de Tomás de Kempis?^) E, no entanto, ele próprio o afirmara aos leitores da revista *Brasil-Portugal*, em 1900, quando, citando S. Paulo, confessara que amava e cultivava agora a mansidão. Tal defenestração do vigor crítico e da verrinosa insubmissão não poderia ser compreendida pelos expoentes da militância política coetânea. João Chagas, apesar de tudo seu amigo e admirador, escreveria em 1902 que "o Ramalho de hoje" lhe dava a impressão de ser o que sobrara do "Ramalho de outrora"⁽⁶⁷⁾. Com isto, João Chagas deixava escapar as declarações ramalhianas, reiteradas e incontornáveis, coexistentes com as origens da sua missão crítica, de que jamais homologaria um regime de turbamulta, de balofa retórica e de terror demagógico. Escapava-lhe ainda a progressiva delimitação de território que conduzia Ramalho ao descomprometimento partidário, como preço a cobrar pela completa liberdade de consciência, que ele considerava inerente à postura científica.

O homem que elegera, na sua juventude, a piedade de Eneias como a melhor das alternativas às desabusadas cóleras de todos os Ulisses revolucionários era aquele que assistiu sofridamente à explosão inconsequente daquele jacobinismo republicano que perseguiu frades e religiosas para disfarçar a impotência ou o desinteresse em solucionar a questão social ou em conquistar para a sua causa os estratos mais humildes. A procura de uma alternativa que se pudesse situar fora da dicotomia monarquia constitucional *versus* república parlamentar,

(66) Numa carta datada de 18 de Janeiro de 1903, dirigida por Ramalho ao Conde de Sabugosa, pode ler-se: "Não pude dormir em toda a noite, e senti não ter comigo o meu livro das horas tristes, que é um velho voluminho da *Imitação*" (Citado por Rodrigues Cavalheiro, *ob. cit.*, p. 224).

(67) "Como mono sábio entretenho-me a ler. Agora estou lendo as *Farpas*, que, posso dizê-lo, nunca tinha lido. Vou no quarto volume e cada vez me surpreende mais saber que o autor dessa obra de destruição está na Biblioteca da Ajuda. É um fim tudo o que há de mais ilógico. O Ramalho devia ter-se dissolvido,, não restando dele mais do que alguns pares de calçado. A sua sobrevivência veio desfigurar a sua personalidade, de tal maneira que o Ramalho de hoje dá-me a impressão de ser o que sobrou do Ramalho de outrora" (Carta de João Chagas ao Conde de Arroso, de 5 de Outubro de 1902, transcrita por Rodrigues Cavalheiro, *ob. cit.*, p. 185).

aproximará Ramalho das hostes do integralismo monárquico. Surpreendemos neste câmbio derradeiro da sua mente a formalização de conceitos e vivências que deixara esparsas em muitas das páginas que redigira no passado. A profunda e empática identificação com os arquétipos de Germalde, com a sua piedosa mãe, com as tias, de poucas letras mas de compassivo coração, com o tio-avô Frei José do Sacramento, cenobita escrevinhador e carpinteiro de circunstância, com o estoico Manuel Caetano, patriota de mochila em repouso, transmitiram a Ramalho a certeza de que "a unidade nacional, a harmonia, a paz, a felicidade e a força de um povo não têm por base senão o rigoroso e exacto cumprimento colectivo dos deveres do cidadão perante a inviolabilidade sagrada da família, que é a célula da sociedade; perante o culto da religião, que é a alma ancestral da comunidade; e perante o culto da bandeira, que é o símbolo da honra e da integridade da pátria"⁶⁸). O cotejo que pôde estabelecer entre o laicismo estreme da Terceira República francesa, de Jules Grévy e Faillières, e a pedagogia agnóstica ou materialista da nossa Primeira República, praticada em "escolas infantis sem religião e sem Deus" ⁽⁶⁹⁾ (pois não constava que Afonso Costa havia prometido a eliminação completa do catolicismo português em duas gerações?), remetem-nos para a exautoração da "fria materialidade" com que julgara, no fragor da "Questão Coimbrã", as primeiras produções poéticas de Teófilo e Antero. A alergia ao "votismo", constante das primeiras *Farpas*, daquelas *Farpas* que entusiasmavam os republicanos intransigentes dos decénios de 70 e 80, harmoniza-se agora com a apologia integralista do rei-governante e tutelador da responsabilidade ministerial. E até as jornadas pelos quatro cantos do Portugal histórico, desde cedo encetadas como viajeiro de pé posto, por romarias e feiras-francas, por albergarias e botequins, por cordilheiras e planuras, nos permite compreender o germe temporão do "amor das nossas cousas", para utilizar a feliz expressão de Jaime de Magalhães Lima⁽⁷⁰⁾. "A pátria", assegurava Ramalho em 1899, "não é um organismo exclusivamente político, como

(68) Ramalho Ortigão, *Carta de um velho a um novo*, cit., pp. 61-62.

(69) *Idem*, pp. 56-57.

(70) Cf. Jaime de Magalhães Lima, *O amor das nossas cousas e Alguns que bem o serviram*. Ramalho, Camilo, Eça, Antero, Oliveira Martins, Manuel da Silva Gaio, Lopes Vieira e Corrêa de Oliveira, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, pp. 23-72.

cuido que imaginam as nossas secretarias de Estado. A pátria é também a terra e a tradição. [...] Para amar a tradição é preciso conhecê-la, e é no fundo desse conhecimento que verdadeiramente reside a consciência da nacionalidade"⁽⁷¹⁾. Desta maneira, não causa surpresa que o jornal integralista *A Restauração*, dirigido por Homem Cristo Filho e redigido sob a responsabilidade de João do Amaral, estampe em 11 de Setembro de 1914 a *Carta de um Velho a um Novo*. Nela se explana o testamento político de José Duarte Ramalho Ortigão. Nela se sauda a "élite dos novos", identificada com "os redactores dos modernos jornais monárquicos e os de publicações periódicas de tão considerável importância filosófica e educativa como a *Lusitânia*, a *Nação Portuguesa*, o *Aqui d'El-Rei*, os *Cadernos de Mariotte*, a *Alma Portuguesa*, a *Crónica Política*, a *Entrevista*, etc/⁽⁷²⁾

O homem que se finou em 27 de Setembro de 1915 e cujos restos mortais foram depostos no jazigo de família do Conde de Sabugosa, um "vencido da vida" como ele, tem sido objecto de interpretações póstumas pouco abonatórias. Por razões de pura instrumentalização ideológico-política, interessou a muitos alimentar o mito de um Ramalho relapso e vergonhosamente desertor da fidelidade a valores democráticos primitivos. Sem embargo de se reconhecer que algumas das opiniões de Ramalho foram evoluindo ao longo da sua prolongada existência, entendemos sustentar - o leitor dirá se o conseguimos provar - que Ramalho nunca foi um democrata, da linhagem revolucionária de 1789 ou até da família ideológica de 1848. A sua transitória ideia de república subordina-se a um projecto de pedagogismo neo-iluminista que se demarca radicalmente dos conciliábulos do republicanismo clubista do seu tempo. Foi nossa intenção relevar as marcas de continuidade da sua aventura espiritual, contribuindo para desfazer a lenda de um Ramalho em perpétua contradição consigo mesmo. Foi este o nosso projecto, o nosso inicial desejo. Porém, concluída a tarefa, zune-nos aos ouvidos a advertência rude estampada por Almada Negreiros na *Cena do Ódio*: " Tu não sabes, meu bruto, que nós vivemos tão pouco / que ficamos sempre a meio-caminho do Desejo?"...

(71) Ramalho Ortigão, "A Tradição", *Folhas Soltas. 1865-1915, cit.*, p. 249.

(72) Ramalho Ortigão, *Carta de um velho a um novo, cit.*, p. 56.